



José Godoy

é escritor, autor de *As Dicas do sr. Alceu*, e um dos âncoras do programa *Fim de Expediente*, da Rádio CBN

Quanto ainda falta?

Esta questão, não verbalizada, que paira tensa sobre os personagens de *Esperando Godot*, de Samuel Beckett, parece, aos poucos, substituir em nosso mundo contemporâneo as grandes questões fundadoras das artes, da filosofia e da religião. Substitui pela força de sua ambigüidade, e por seu caráter plástico, que lhe permite se moldar aos temas mais diversos. Contabiliza o tangível e prospecta o não mensurável. Serve à ordem material e à reflexão existencial. Resume por sua força de síntese o exercício da maturidade. Duas obras de arte, que trilham caminhos bastante diversos, mas nas quais se podem encontrar pontos de contato, permitem uma leitura a partir do tema.

Em *Depois do Casamento* (*After the Wedding*, 2005), da cineasta Susanne Bier, o dinamarquês Jacob Petersen cuida de um orfanato na Índia. Sua trajetória repete essa espécie de mito moderno, que é a procura no Oriente de um antídoto para o mal-estar comum a diversos ocidentais: o tédio contínuo, alimentado pelas garantias básicas de sobrevivência de que dispõem. Para Jacob, soma-se a isso uma motivação pessoal, sua pátria natal serve de representação, e portanto memória, de um passado doloroso. Assim, o que acompanhamos nos primeiros minutos do filme de Susanne é a satisfação que Jacob demonstra, mesmo em meio a um ambiente externo, que dá ao espectador uma sensação de profunda frustração. Jacob ostenta uma plenitude que parece genuína, criando um contraste entre o que se vê e o que ele demonstra.

Porém, o ponto de partida dessa trajetória é justamente o rompimento dessa rotina que parece estabilizada. Uma possível doação leva Jacob de volta a Copenhague, para encontrar um possível doador, Jorgen, grande empresário local. A partir do retorno de Jacob à sua origem, dessa volta ao seu passado, numa Dinamarca cinzenta, filmada num esmerado contraste à exuberância das cores indianas, o roteiro vai desconstruindo a impressão inicial do filme, transformando-o numa profunda reflexão, ancorada nos contrastes e insuspeitadas proximidades entre esses dois homens, de histórias pessoais tão distintas.

É nessa chave que o mensurável, a riqueza, é confrontado com o fátuo, representado pelo tempo. Ambos ancorados em limites que para cada um desses homens surgem em oposições freqüentes. O que falta de material a Jacob sobra para Jorgen, mas é justamente essa falta material que inviabiliza tudo o que não pode ser quantificado na vida do primeiro. Há um limite, que se esvai na impossibilidade da ONG de se manter sem novos recursos. Já Jorgen, que os possui em abundância, está delimitado por um limite existencial, e por um projeto pessoal que também tem prazo para ser posto em prática.

O que explode então, com grande intensidade, é saber o quanto basta a cada um, o preço que se paga nessa balança, e a premente necessidade de escolhas, que bifurca essas vidas. Perguntas que precisam ser feitas e refeitas em diversas direções, muitas delas conflitantes.

“Como conciliar a finitude do dia com anseios profissionais e pessoais? Como conciliar a finitude física, diante de desejos pessoais e coletivos? **Em *Depois do Casamento*, a cineasta Susanne Bier busca no Oriente um antídoto para o tédio contínuo de muitos ocidentais”**

Como conciliar a finitude do dia com anseios profissionais e pessoais? Como conciliar a finitude física, diante de desejos pessoais e coletivos? “Quanto ainda falta?” ganha chave existencial, no sentido de entender o que se pretende como destino individual, em meio à teia de relações sociais. “Quanto ainda falta?” surge como a questão capaz de trazer à tona a resposta. Ao contrário de *Estragon* e *Vladimir*, que na peça de Beckett prolongam na repetição dos mesmos atos, na ausência de memória, essas indagações, no filme de Susanne os personagens têm clara consciência, instada por uma memória que os açoita e os impulsiona a não esperar. Vivem a premência pela busca de respostas, mesmo que essas não existam, ou insistam em lhes escapar.

Já em *Desonra* (*Disgrace*, 1999), sublime romance do sul-africano J.M. Coetzee, lançado no Brasil em 2003, é possível ver um ponto de partida comum a Jacob, protagonista do filme de Susanne. David Lurie, professor universitário na Cidade do Cabo, parece ter encontrado uma equilibrada rotina. Espécie de misantropo, mantém um perspicaz afastamento de ligações pessoais que afetem uma rotina repleta de prazeres solitários. Mas, como no filme, esse quadro inicial, essa certa plenitude, será rompido logo nas primeiras páginas, de um modo muito mais prosaico do que em *Depois do Casamento*.

Ao invés de uma proposta mirabolante que o retire de seu espaço físico, Lurie é surpreendido pelo fim dos encontros rotineiros que mantinha com uma prostituta. Essa mudança em sua bem estruturada rotina dá vazão a uma insatisfação que movimenta o personagem e vai, aos poucos, retirando-o de sua zona de conforto, implodindo as bases que sustentavam sua existência. A partir desse ponto, que revela quão tênue e volátil pode ser a sensação de plenitude no ser humano, vai se expondo o mecanismo

com o qual nos apegamos às pequenas convenções, a compromissos que nos mantêm dentro de uma certa coerência, e sem os quais, num piscar de olhos, intensas transformações podem surgir.

O que se segue a essa espécie de “substituição” que Lurie opera em sua vida é uma seqüência de conseqüências funestas, que o jogam num purgatório pessoal, e então, novamente numa chave próxima ao filme de Susanne, o levam a uma viagem de retorno a antigas raízes, em seu caso, tanto emocionais quanto sociais. Ao encontrar abrigo na casa da filha, ele se expõe a uma realidade totalmente distante de seu ponto de partida. Esta, fazendeira numa África do Sul em que as feridas do apartheid estão muito longe de ser estancadas, é refém de uma densa sensação revelada na necessidade de marcar os corpos dos antigos feitores com feridas de outra ordem.

Nesse tenso inferno social, que é explicitado com a perícia da refinada prosa de Coetzee, Prêmio Nobel de Literatura de 2003, a pergunta que dá título a este artigo, aplicada ao meio externo, parece irrespondível. Quanto ainda falta para o fim dos ódios recíprocos? Se no filme de Susanne a questão se desdobra em dilemas de ordem existencial, no romance de Coetzee é atropelada pelo excesso de realidade. A dimensão das existências individuais se torna frágil. Pilares da personalidade, como integridade, civilidade e honra, são arrancados a fórceps. A narrativa ganha tal densidade que a própria possibilidade de reflexão e de questionamento é desnortada. Desonra maior do que essa não pode ser impingida ao ser humano. A impossibilidade de prospectar a própria existência, em que sobreviver resiste como única alternativa. Nesse cenário, “quanto ainda falta?” deixa de ser uma pergunta e se torna uma súplica. ¶